

Isaías Caminha e Silvio Astier: trajetos do exílio na cidade

Doutoranda Keli Cristina Pachecoⁱ (UFSC)

Resumo:

Reconhecidos pelo caráter autobiográfico, os romances de estréia de Lima Barreto e Roberto Arlt narram a torturada chegada de dois jovens à vida adulta. A cidade do Rio de Janeiro, em transformação, é paisagem do exílio do jovem negro que do interior chega à capital para estudar. A Buenos Aires, consolidada, é espaço das aventuras do filho de imigrantes que, desde o princípio, através do delito, rechaça o mundo normativo da sociedade urbana. Propomos, deste modo, pensar no exílio de Isaías Caminha e Silvio Astier, quer dizer, se este aparece como passagem, trânsito, ou contingência, para ao final produzir sentido; ou como pura negatividade, "un exílio que seria la constitución misma de la existencia", como requer Jean-Luc Nancy, no ensaio "La existencia exilada", de 1996. Com base num exercício amplo de literatura comparada, cotejamos Recordações do Escrivão Isaías Caminha (1909) e El Juguete Rabioso (1926), para tecermos uma discussão sobre a formação e a consolidação destes espaços urbanos de exclusão inclusiva no início do século XX.

Palavras-chave: cidade; exílio; Lima Barreto; Roberto Arlt.

Introdução

"Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada". (Lima Barreto, 1997, 31).

"Rodaba abstraído, sin derrotero. Por momentos los ímpetus de cólera me envaraban los nervios. Quería gritar, luchar a golpes con la ciudad espantosamente sorda...y súbitamente todo se me rompía adentro, todo me pregonaba a las orejas mi absoluta inutilidad". (Roberto Arlt, *El juguete rabioso*, p. 74).

Quando recortamos as personagens protagonistas de dois escritores latino-americanos, que apresentam uma marginalidade na cidade¹ - dos "actores no previstos", que irromperam na cidade letrada, como bem definiu Susana Zanetti (2002, p. 270) - estamos querendo com tal gesto pontuar duas trajetórias de exílio no espaço urbano que coincidentemente aparecem nos romances de estréia de Lima Barreto e Roberto Arlt.

Recordações do Escrivão Isaías Caminha é publicado em 1909² e junto à sua publicação estoura a polêmica de que este seria autobiográfico, um *roman à clef*, e por isso muitos críticos o

¹ É interessante lembrar que temos aqui dois protagonistas que operam de algum modo uma exclusão no centro, no espaço urbano da capital nacional. São nossos protagonistas um imigrante e um negro e, tanto na Argentina como no Brasil, no momento de escritura destes romances era instaurado um discurso científico que os rejeitava. Por volta de 1910, diante do aumento da criminalidade na Argentina, "não faltaram 'argumentos científicos' contra a imigração, apoiados em autores como o criminologista Enrico Ferri. [...] No Brasil, [...] as concepções racistas foram dominantes, cristalizando-se na 'teoria do branqueamento', que pressupunha a superioridade da raça branca". (Cf. FAUSTO & DEVOTO, 2004, p. 150)

² *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* foi publicado pela primeira vez em 1907, parcialmente, na revista *Floreal*.

consideraram, ou melhor, não o consideraram muito bem. *El juguete rabioso*, publicado em 1926,³ quer dizer, dezessete anos depois do aparecimento de *Recordações*, também é atribuído o mesmo dado autobiográfico.⁴ São os protagonistas os únicos narradores de ambos romances,⁵ e desde o princípio é retratado algo que podemos denominar como uma espécie de descompasso entre eles, Isaías Caminha e Silvio Astier, e o espaço que os imerge. Estes "eu-narradores", paulatinamente, recapitulam a chegada à vida adulta como um processo pleno de desilusões. No primeiro, percebe-se tal não-correspondência já no meio familiar, onde o saber do pai não condiz à origem humilde: "A tristeza, a compreensão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de modo curioso". (LIMA, 2002, p.21), e também no posterior desamparo quando Isaías chega à cidade com a intenção de completar seus estudos: "Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apoie e donde tire a vida; era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda hora esmagado pela opressão". (Idem, p. 31).

No que diz respeito ao narrador-protagonista de Roberto Arlt, Silvio Astier, a não-correspondência ocorre logo na opção pela prática de pequenos delitos, que criteriosamente se afina com modelo de literatura adotado pelo protagonista e seus amigos/comparsas do "Club de los caballeros de la media noche". Na frase que abre o primeiro capítulo do romance, intitulado "Los Ladrones", nos é dito: "Cuando tenía catorce años me inicié en los deleites y afanes de la literatura bandoleresca un viejo zapatero andaluz". (ARLT, 1981, p. 11). O título do capítulo poderia nos levar a crer que estaríamos diante de um romance policial, contudo, este gênero tem como característica separar o bem do mal, outorgando o rol do bem à polícia e, obviamente, do mal aos bandidos. O mesmo não ocorre com a literatura bandoleresca em que os valores são outorgados de maneira inversa.⁶ Quando Roberto Arlt faz Silvio Astier sonhar em converter-se, junto a seus amigos, em um bandoleiro famoso,⁷ de alguma forma, nos é dito que há, de fato, um processo de urbanização não tão avançado e um descompasso das instâncias de poder e de manejo da ordem pública bastante incipiente, caso que não era o de Buenos Aires de 1915.⁸ No espaço urbano portenho da época os bandidos eram sinceramente delinquentes e a polícia - que no romance é revelada muitas vezes como uma instituição onisciente, bem organizada e eficiente - não fazia senão arrasta-los e encarcera-los. É então o intenso cerco da polícia responsável por dissolver o clube. A impossibilidade de realizar o sonho é apresentada no tratamento da personagem Henrique, que empenhado em continuar atuando como ladrão, termina na cadeia.

³ "Escrito em distintas etapas entre 1919 e 1924, foi publicado após diversas tentativas em 1926". (Ver MAGNONI, 2003, p. 121). Segundo Susana Zanetti, nesta época Lima Barreto é revalorizado. (ZANETTI, 2002, p. 292).

⁴ Ver GUNTZMANN, 1984, p. 73.

⁵ É preciso ressaltar que esta decisão narrativa, narrador em primeira pessoa, acumulação de episódios, determina, segundo José Morales Saraiva, o gênero de que um romance se apóia no esquema do romance de formação. Para o autor "Esta decisión narrativa encierra, sin embargo, una paradoja, pues la característica básica de la novela de formación (los años de aprendizaje desembocan al final y por un momento en la reconciliación del héroe con la sociedad y con el mundo externo a él) no puede ser combinada de ninguna manera con las determinaciones de la desilusión romántica, cuyo héroe rechaza decisivamente el mundo normativo de la sociedad". (SARAIVA, 2001, p. 29).

⁶ Esta mudança de valor tem, segundo José Saraiva de Morales, uma extensa tradição na região do Rio da Prata. (Cf. SARAIVA, 2001, p. 31). Contudo a escolha da série de Silvio, que exclui Eduardo Gutiérrez e Martín Fierro por exemplo, para Zanetti, de acordo com Adolfo Prieto, "indicaría la separación de esa serie genealógica, cuya continuidad ensablaba en 'densas representaciones sociales de bandoleros argentinos' al Martín Fierro con Juan Moreira y el malevo de arrabal, una impronta criolla portena buscada por la vanguardia del grupo de Florida. Para Prieto, la serie elegida por Arlt va hacia otro horizonte, el de la pura ficción, el de la libertad que se percibe como absoluta en la literatura, cuya omnipotencia refuerza el sentimiento liberador de Silvio puesto en juego en la traición gratuita con que se cierra la iniciación y la novela. (ZANETTI, 2002, p. 297).

⁷ "De esta unión con Henrique, de las prolongadas conversaciones acerca de bandidos y latrocinios, nos nació una singular predisposición para ejecutar barrabasadas, y un deseo infinito de inmortalizarnos con el nombre de delincuentes". (ARLT, 1981, p. 17).

⁸ Mesmo depois de alguns anos, antes da publicação de *El juguete rabioso*, quando o Partido Radical chega ao poder não é dada a prioridade às reivindicações sociais, "ao contrário, a ditadura das classes possuidoras aliadas ao capital estrangeiro ao passo que o custo de vida aumentava". (Ver MAGNONI, 2003, p. 123)

Do mesmo modo, a opção por tornar-se doutor para "atravessar a existência com discreta compostura"⁹, quer dizer, pelo estudo especializado com a intenção de galgar um espaço por mérito e não por 'apadrinhamento',¹⁰ ou outros meios que não fossem o do esforço pessoal, pela qual Isaías Caminha inicialmente crê ser possível em um regime republicano, na verdade, não se afina com "a [real] distância que separa o povo do poder nesta Primeira República" (RESENDE, 1993, p. 93).¹¹ Uma vez que, na República, cabia aos bacharéis "um papel político, enquanto 'intelectuais do estado', na organização 'pelo alto' da sociedade em que tudo se opõe ao papel que a si mesmo atribui Lima Barreto, como articulador da opinião pública". (Idem, p. 24). O próprio Lima Barreto em crônica, define a República como um regime de corrupção, "como um ajuntamento de piratas mais ou menos diplomados, que exploram a desgraça e a miséria dos humildes". (BARRETO, 1956, p. 78). Tal afastamento, entre a elite e os populares, é visivelmente verificada no projeto de 'haussmanização' do Rio de Janeiro que incluía, além da reformulação arquitetônica, a proibição de festas e manifestações de religiosidade popular, deslocando a população pobre para a periferia. Isto provocaria, segundo Beatriz Resende, a duplicação da cidade; uma visível, exportável; e a outra confinada, que ela denomina 'cidade real': "a cidade dos trabalhadores e pobres em geral que se estende até os subúrbios". (RESENDE, 1993, p. 111).

Vemos assim, já traçada no início das narrativas, a apresentação de um certo mal-estar que prossegue com Astier desde no abandono do projeto romântico, portanto inadequado, de se tornar um bandido famoso; depois, na entrada forçada ao mundo do trabalho, quando obrigado pela mãe, que o afasta da leitura informal, desinstitucionalizada. A partir do abandono da literatura, Silvio somente consegue ser mal acolhido pelo comércio de livros usados que, em troca de seus serviços, lhe dá péssima comida, alojamento e salário. No comércio de segunda mão, a apresentação do espaço, que ocupa grande parte do capítulo, se dá de forma completamente negativa: o local é chamado de cova, a cozinha está impregnada de gordura, os banheiros cheiram a urina. "Si los textos guardan siempre, aun en un mundo sórdido, posibilidades a la imaginación y la invención, el descubrimiento del arte y del conocimiento con su potencia todavía presente en la 'acción meritoria y bella' de robar, la novela se ciñe ahora a su contracara, respaldada en la figura de la exclusión". (ZANETTI, 2002, p. 298). Neste capítulo, "Los trabajos y los días", Silvio não lê, somente comercializa livros, e por este motivo se vê encerrado "en su exilio de toda posibilidad de acceso a la belleza". (Idem, 300).¹²

Já Isaías Caminha, após ver-se abandonado na cidade, sem ter a quem recorrer, sofre continuadas humilhações, uma delas o leva a prisão, quando é suspeito de furto. Nesse tempo, vira-

⁹ "Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-intanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimento: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano!". (BARRETO, 2002, p. 26). A importância do título também é atestada em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda: "a dignidade e a importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, podem libertá-lo da necessidade de uma caça incessante de bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade". (HOLANDA, 2003, p. 157).

¹⁰ Mas é preciso lembrar que Isaías Caminha dirigia-se à cidade com uma carta solicitando emprego ao deputado doutor Castro, o que indica ser comum tal prática de compadrio, contudo, esta era para solicitar um emprego para mantê-lo durante seus estudos para tornar-se doutor, o que não sucede.

¹¹ Beatriz Resende nos lembra que Angel Rama já demonstrara em *A cidade e as Letras* "que um destino comum marcou o surgimento das cidades-capitais na América-Latina. Essas cidades, sedes administrativas (a cidade escriturária), portos, formadores de opinião e do gosto em relação ao resto do país, tiveram em comum um processo de modernização decidido no papel, construção mental prévia em que a realidade deveria se encaixar [...]. Desse modo, Rama nos mostra que as cidades desenvolveram uma dupla linguagem, a linguagem da cidade física, que o 'visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação' e a simbólica, que ordena e interpreta, ainda que só para 'espíritos afins'". (RESENDE, 1993, p. 106).

¹² "Me estacionaba a la puerta de la caverna en las horas de mayor tráfico de la calle, para hacer volver la cabeza de la gente, para que la gente supiera que allí vendían libros, hermosos libros...y que las nobles historias y las altas bellezas había que mercarlas con el hombre solapado o con la mujer gorda y pálida". (ARLT, 1981, p. 59-60).

se de qualquer modo e, em nome da sobrevivência, chega a vender suas roupas para poder comer. Descobre nesse período uma espécie de sítio posto à sua vida.¹³ Quando na narrativa tudo parece culminar para que Isaías desista da sua permanência na cidade, lhe é oferecido um emprego, muito abaixo de sua real capacidade, de contínuo na redação do jornal *O Globo*, onde também, como na loja de livros usados de Astier, o comércio está presente, mas com a diferença de que, no ambiente da redação de um grande jornal, a própria palavra é mercadoria. Enquanto Silvio comercializava o suporte da 'beleza' e se exila dela, Isaías testemunha o corrompimento da própria 'beleza'. "Além do mecanismo jornalístico, que tão de perto eu via funcionar, a política, as letras, as artes, o saber - tudo o que tinha suposto até aí grande e elevado, ficava apoucado, achincalhado". (BARRETO, 2002, p. 150). Neste entremeio, Isaías se deixa levar pela maquinaria do jornal: "tinha atravessado um grande braço de mar, agarrara-me a um ilhéu e não tinha coragem de nadar de novo para a terra firme que barrava o horizonte a algumas centenas de metros. Os mariscos bastavam-me e os insetos já se me tinham feito grossa a pele...". (Idem, p. 99).

Percebemos, deste modo, o desenvolvimento de uma espécie de territorialização de Isaías Caminha na cidade, ainda que permeado por conflitos internos. Por sua vez, Silvio Astier procura dar fim a sua humilhação ao planejar por fogo no sebo em que trabalhava, porém sua vingança é mal sucedida. Sendo assim, resolve momentaneamente encerrar a sua angústia ao deixar o emprego, contudo, o espaço urbano ainda permanecerá para ele "cubierto totalmente en la categoría de lo bajo y lo vil" (SARAIVA, 2001, p. 34).

No terceiro capítulo *el juguete rabioso* se revela de um modo ainda mais cruel, assim como se passara com Isaías Caminha, Silvio sonha com a ascensão social por meio dos estudos. "Se trata del tópico de la juventud entendida como portadora de las esperanzas puestas en el futuro". (Idem, Ibidem). O conceito de "Joven Argentina", empregado em meados de século XIX por um grupo de jovens escritores, entre eles Echeverría, Alberdi, Sarmiento, que pensaram a nação e as instituições modernas argentinas, definidas pela sua função e eficácia através do progresso científico, é então aplicado pelo jovem Astier, um aficcionado por ciência, que busca alcançar seu segundo sonho: fazer-se famoso como inventor. Devido aos seus conhecimentos, Astier é então aceito como aprendiz de aviador na Escola Militar e se enche de esperanças,¹⁴ todavia logo é novamente decepcionado em suas expectativas quando o sargento dá baixa em seu serviço, porque um alto oficial desejava para um protegido seu o lugar de aprendiz de Astier. Aqui novamente a relação moderna existente entre indivíduo e instituição, baseada na função que se cumpre e na eficiência com que se desempenha, é desmascarada como deficiente. Tal como Isaías, Astier se vê sitiado e estigmatizado pela sua origem simples, há qual parece ser dada, definitivamente, qualquer possibilidade de transformação. "Las instituciones modernas, la juventud [...], sus proyectos aparecen como deficientes. El yo narrador intenta sin éxito suicidarse. El no meure y es confrontado con la pregunta de cómo seguir viviendo, es decir, cómo seguir actuando en este mundo vil y deficiente". (SARAIVA, 2001, p. 36).

¹³ No episódio em que concorre a emprego em uma padaria, Isaías é examinado e recebe como resposta: "não me serve". Aos sucessivos episódios de preconceito racial: acusado de roubo; chamado de mulatinho na delegacia; olhado de alto a baixo pelo padeiro que o nega emprego; nos é apresentado um último que representa bem o completo exílio da personagem. Ao encontrar uma 'rapariga de cor', Isaías novamente é hostilizado, pois tem um comportamento que foge aos paradigmas sociais que lhe é atribuído. "Considererei-a um instante e continuei a ler o livro, cheio de uma natural indiferença pela vizinha. A rapariga começou a murmurar, perguntou-me qualquer coisa que respondi sem me voltar. Subitamente, depois de fazer estalar um desprezível muxoxo, disse-me ela à queima roupa: - Que tipo! Pensa mesmo que é doutor..." Nesse momento uma melancolia o invade, olha os pobres e os ricos, e conclui: "Eu estava só" (BARRETO, 2002, p. 72).

¹⁴ Tal como Caminha ao sonhar em ser doutor, Astier pensa: "Más que nunca se afirmaba la convicción del destino grandioso a cumplirse en mi existencia [...]. Por elogio de los hombres, he gozado noches tan estupendas, que la sangre, en una muchedumbre de alegrías, me atropellaba el corazón, y yo creía sobre las espaldas de mi pueblo de alegrías, cruzar los caminos de la tierra, semejante a un símbolo de la juventud". (ARLT, 1981, p. 70).

Ao acompanharmos a trajetória do exílio na cidade de Buenos Aires, com Silvio Astier, e do Rio de Janeiro, com Isaías Caminha, é possível verificar, o que grande parte da suas respectivas críticas já comentara, que ambos instauram o discurso crítico com relação à modernização em curso, revelando o descompasso entre o novo discurso republicano, no caso do Brasil – e a aparente "república consolidada",¹⁵ como Alberdi a chamaria em 1880, no caso da Argentina – e a formação dos Estados latino-americanos, que focaram nas cidades capitais seu maior investimento. Com a intenção de se distanciar do estilo de vida e cultura herdadas do colonizador, ou seja, da monarquia brasileira e da oligarquia republicana argentina¹⁶, adotou-se o sistema político inspirado no modelo norte-americano da República Federativa que demandava, com urgência, um projeto de construção de uma identidade nacional que assimilasse todas as diferenças.¹⁷

1 O governo das diferenças

Interessante pensar nessa mudança de regime do monarca/oligarca para o regime republicano democrático em analogia com um ensaio Michel Foucault sobre a razão política, intitulado *Omnis et Singulatim: hacia una critica de la 'razon política'*, em que remete aos processos anteriores ao iluminismo com a intenção analisar a evolução/transformação das relações de poder que passam de um regime centralizador, o poder do Estado, para um regime individualizador, que o filósofo denomina pastorado. Nos deteremos nesta diferença, já que, o pastorado é visto por Foucault como uma experiência tipicamente urbana.

No regime centralizador, que tem genealogia nas sociedades greco-romanas, nela os deuses e o rei desempenham o mesmo papel: são os que possuem a terra e esta possessão original que determina as relações entre os homens e os deuses; a presença de deus somente se dá para acalmar a hostilidade na cidade, resolvido o conflito, deixa atrás de si uma cidade forte, dotada de leis que a permitam permanecer com independência dele; aos deuses eram solicitadas uma terra fecunda e colheita abundante; e por fim era um dever glorioso sacrificar a vida na guerra, pois, ao cidadão era dada a recompensa da imortalidade. Por outro lado, é traçada uma genealogia judaico-cristã do tema pastoral: nela o pastor exerce poder sobre o rebanho, a terra é dada ou prometida à ele; o rebanho existe graças à ação ou presença do pastor, é ele que reúne os indivíduos dispersos; o pastor tem o papel de assegurar a salvação de seu rebanho, ele mantém seu rebanho dia-a-dia, assegura o alimento e sacia a sua sede e a sua fome, sem excluir ninguém; a vigília do rebanho é constante, o dever do pastor é cuidar, e conhecer o geral (os bons pastos, as leis e as estações) e o particular (as necessidades individuais).

A partir d'A *Política* de Platão, que foi um dos poucos filósofos da antiguidade a tratar do tema do pastorado, Foucault identifica um questionamento sobre o mundo pastoral: como se pode decidir se um rei é ou não pastor? A tarefa do rei não é a de simplesmente estar só, como um pastor, na cabeça da cidade, uma vez que não é ele que alimenta ou cuida da saúde da humanidade, e sim o

¹⁵ "A década de 1880 não representaria, na Argentina, o caso de uma classe dirigente e de um sistema político, como no Brasil, mas sua consolidação, até 1916". (FAUSTO & DEVOTO, 2004, p. 91).

¹⁶ Estas dominaram o poder até 1914, quando a Lei Sáenz da Peña abriu caminho para maior participação política e para o que se chamava na época de "verdade da representação", sendo que, na primeira eleição presidencial de 1916, às mulheres e os estrangeiros foram deixados à margem da cidadania política. E nesta eleição, de 1916, que Yrigoyen chega ao poder, marcando a passagem de um regime oligárquico conservador para uma ampliação democrática. Já "as normas que garantiram a supremacia das oligarquias vigoraram no Brasil até 1930". (Cf. FAUSTO & DEVOTO, 2004, p. 150).

¹⁷ Conforme FAUSTO Fausto e Fernando Devoto: "Claro que, num primeiro momento, nenhum dos dois países possuía uma noção de 'identidade', de pertencimento a uma entidade comum. Mas isso também não existia nos países europeus, onde as monarquias do Antigo Regime pouco se importavam em construir uma consciência de pertencimento, promovendo acima de tudo a aceitação da ordem social e o reconhecimento político". (FAUSTO & DEVOTO, 2004, p. 30).

padeiro e o médico, da mesma forma o político como pastor possui inúmeros rivais. Platão então explica que numa fase posterior a do mundo conduzido pelo rei-pastor, os homens foram abandonados a si próprios, pois a eles havia sido dado o fogo. Disto deriva a questão: qual seria o papel do político num mundo pós-pastoral? E qual seria o papel político num mundo pós-monárquico/oligárquico, quer dizer, no mundo republicano-democrático urbano ao qual Astier e Caminha servem de testemunhas? Para Foucault, o problema político moderno consiste em formar e assegurar a unidade da cidade, conciliando o indivíduo e a multidão, com o intuito de reforçar o próprio Estado, é preciso, para tal, governar em consonância com a potência do Estado, cuja meta é aumentar esta mesma potência em um marco extensivo e competitivo. Daí a função capital da polícia no Estado Moderno, que consiste em velar a vida dos cidadãos e reforçar a potência do Estado. Quer dizer, dá-se uma espécie de indecidibilidade entre o público o privado e, desta maneira, a razão do Estado 'se faz conscientemente singular'.

Ser un hombre político no iba a querer decir alimentar, cuidar y velar por el crecimiento de la descendencia, sino asociar diferentes virtudes, asociar temperamentos contrarios (fogosos o moderados), utilizando la 'lanzadera' de la opinión pública. El arte real de gobernar consistía en reunir a los seres vivos 'en una comunidad que reposara sobre la concordia y la amistad' y tejer así 'el más maravilloso de los tejidos'. Toda la población, 'esclavos e hombres libres envueltos en sus pliegues'. (FOUCAULT, 1990, p. 109).

Giorgio Agamben visualiza, em recente conferência, este lugar do governo das diferenças na metrópole¹⁸ e nos lembra que o termo *metropoli* vem do grego e significa 'cidade mãe': "A primeira observação instrutiva, que me sugere esta etimologia, é que o termo metrópole implica e traz consigo a idéia de uma máxima deslocação, de uma forte heterogeneidade espacial e política, como aquela que define a relação entre cidade – ou o estado – e as colônias". (AGAMBEN, 2006).¹⁹ Desde modo, o autor põe em xeque a idéia de metrópole como um tecido urbano único e contínuo, e sugere uma conexão entre o espaço da metrópole ao novo tecido urbano que se funda em paralelo ao que Michel Foucault define como passagem do poder territorial, do deus-rei, para o biopoder moderno que é governamental, derivado do pastorado. Agamben, desta forma, nomeia de metrópole, o lugar em que o poder assume a forma de um governo dos homens e das coisas, marcado pela indecidibilidade entre o público e o privado. E ainda diz que não estamos diante de um desenvolvimento da antiga cidade, em que havia um centro, uma ágora, um espaço delimitadamente público; na metrópole dá-se a instauração de um novo paradigma, completamente oposto, uma vez que na nova espacialização metropolitana ocorre uma espécie de processo de 'despolitização', "cujo resultado é uma curiosa zona na qual não é possível decidir aquilo que é privado e o que é público". (Idem).

Conclusão

Insistimos nesta tal zona de indecidibilidade, até aqui trabalhadas por Foucault e Agamben em chave teórica, uma vez que esta surge com a mesma forma tanto em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, quanto em *El juguete rabioso*, e é ela que opera uma transformação determinante na vida dos protagonistas. É preciso detectar na possibilidade de **delação** de ambos, ao fim do percurso de humilhações, como uma única fonte que os permite a saída do exílio, do estado de sítio de suas

¹⁸ É preciso lembrar ainda que o Rio de Janeiro, de Caminha, já detinha o título de única metrópole brasileira no início do século XX; a Buenos Aires, de Astier, por sua vez, era uma metrópole com quase dois milhões de habitantes, segundo a média dos censos de 1914 e de 1929.

¹⁹ Conferência apresentada no seminário *Metropoli – Moltitudine*, em 2006. Disponível no site: <http://www.globalproject.info/art-9966.html>. Tradução disponível na internet, ver referência.

vidas: com Isaías Caminha - ao buscar o diretor do jornal, Ricardo Loberant, *O Globo*, para lhe comunicar o suicídio de um funcionário - quando vê seu chefe em um prostíbulo em meio a uma orgia; e com Silvio Astier, quando recebe o convite de seu amigo de adolescência, Rengo, do *Club de los caballeros de la media noche*, para efetivar um assalto na casa de um rico engenheiro. Isaías opta pela não delação do patrão, e por isso consegue um bom cargo e uma vida melhor; Silvio opta por trair seu amigo, e delata ao engenheiro o plano de assalto, o que leva Rengo a prisão, e o engenheiro a lhe conseguir "un puesto en Comodoro". Ambos praticam uma violência íntima, exercem um 'controle das paixões', como uma única opção existente para associarem-se à comunidade urbana, de se asujeitarem à ela. Interessante verificar que este asujeitamento se dá, paralelamente, a uma das únicas possibilidades de ação das personagens, de subjetivação, mesmo que negativa, de convivência e traição. Tal ação pode ser vista como opção, mas também como trajetória obrigatória, como ponto de fuga de um insuportável exílio na metrópole. Não importa se há negação ou efetivação da delação, Astier e Silvio se encontram ao se depararem com a única chance de acolhimento, de rejeição do confinamento, mesmo que a eles seja cobrado o preço da traição (de si, do amigo). Temos ainda, com Silvio e Caminha, uma espécie de dialética do exílio, quer dizer, a passagem pelo negativo, entendido como propulsor do que se converte em força, ou seja, o exílio é entendido como "el recurso a una mediación que garantiza que la expropiación termine en reapropiación". (NANCY, 1996, p. 36). É inevitável ler nestes romances o paradigma do espaço público na modernidade, que afoga ao mesmo tempo em que solicita o aparecimento do 'espírito singular'.

Recordações do Escrivão Isaías Caminha, é antecedido por uma "Breve Notícia", em que o próprio Lima Barreto nos antecipa o destino do seu amigo, Isaías Caminha, que se torna, após o episódio da não-delação, um triste escrivão de uma coletoria de uma localidade esquecida, tendo 'afogado seu espírito singular'. (BARRETO, 2002, p. 20). O destino de Astier encerra logo após a delação do amigo, em uma conversa sintomática com o engenheiro, que lhe oferece uma recompensa ao mesmo tempo em que condena seu ato indigno. Astier se explica: "- Es como um mundo que de pronto cayera encima de nosotros. [...] Iré por la vida como si fuera un muerto. Así veo la vida, como un gran desierto amarillo". (ARLT, 1981, p. 115). A traição ao fim se revela, na verdade, como uma obediência à lei que os antecede. E a mortificação em vida, a renúncia ao mundo e a si mesmo, o afogamento do espírito singular, nada mais é que o objetivo de todas as técnicas cristãs de controle das paixões (exame, confissão, direção de consciência e obediência) que, aparentemente, "parece no tener ninguna relación con el de la ciudad que sobrevive a través del sacrificio de los ciudadanos", todavia nestes romances podemos dizer que já temos demonstrado que nossos Estados modernos são "realmente demoníacos en el sentido de que asociaram este juegos - el de la ciudad y el del ciudadano, y el de pastor y el de rebaño". (FOUCAULT, 1990, p. 117).

Referências Bibliográficas

- [1] AGAMBEN, Giorgio. Metrópolis. In: HONESKO, Vinicius Nicastro(transliteração e trad.). Site: <http://flanagens.blogspot.com/2008/05/metropolis.html>. Documento de áudio disponível no sítio: <http://www.globalproject.info/art-9966.html> Acesso em: 10/05/2008.
- [2] ARLT, Roberto. El juguete rabioso. In: Obras completas. Tomo I. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1981, pp. 11-116.
- [3] BARRETO, Lima. Recordações do Escrivão Isaías Caminha. 10ª ed., SP: Ática, 2002.
- [4] FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando. Brasil e Argentina - um ensaio de história comparada (1850-2002). SP: Editora 34, 2004.

- [5] FOUCAULT, Michel. *Omnes et singulatim*: hacia una crítica de la razón política. In: Tecnologías del yo y otros textos afines. Barcelona: paidós, 1990.
- [6] GNUTZMANN, Rita. Roberto Arlt o el arte del calidoscopio. Bilbao: editorial del pais vasco, 1984.
- [7] HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26ªed., SP: Companhia das Letras, 2003.
- [8] MAGNONI, Maria Salete. Literatura, historia e cultura em Recordações do Escrivão Isaias Caminha e El Juguete Rabioso. In: Diálogos Latinoamericanos 8. www.lacua.au.dk/index.jps/publikationer/dl8/literatura_historia_barreto.pdf . Acesso em: 10/05/2008. pp. 118-131.
- [9] SARAIVA, José Morales. Semántica de la desilusión en *El juguete rabioso*, de Roberto Arlt. In: Roberto Arlt - una modernidad argentina. Madrid: Iberoamericana, 2001, pp.27-45.
- [10] RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. RJ/SP: UNICAMP/UFRJ, 1993.
- [11] ZANETTI, Susana. La biblioteca, entre traiciones y lecturas erróneas. In: La dorada garra de la lectura (lectores y lectores de novela en América Latina). Rosario: Beatriz Viterbo, 2002, pp. 265-313.

Autor

ⁱ **Keli Cristina PACHECO, doutoranda**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Curso de pós-graduação em literatura.

E-mail: kelipacheco@hotmail.com